

HORTÃO CASA VERDE, uma História de Resgate¹

André Luis Caretta²

Maria do Carmo Alves Sampaio³

A dor de corpo e alma que a cidade quente, impermeabilizada de asfaltos sente,
todos sentem. Se não for no corpo, é na consciência.
Quem é favorecido quando você faz a natureza ser o que é sua proposta original?
Fazer dela uma aliada é o maior presente no tempo presente.
Qual a diferença para os indivíduos?
Isto não tem preço. Mas custa uma parte de dedicação da humanidade.

1 - COMO NASCEU O HORTÃO?

Precisávamos de um lugar pra plantar, para trabalhar com o paisagismo. Um dia a gente tem que fazer algo que é mais forte que a razão, sair da acomodação não é o caminho mais fácil do mundo. Sair da acomodação requer um dia difícil, um estrago, um incômodo. Senão continuamos no mesmo lugar. Trabalhar com paisagismo, no corre do dia a dia, surge a necessidade do berço de plantas, para economizar os custos. A gente sonha e, ironia da vida, nada poderia ser mais enganoso que esperar que tudo aconteça como esperamos. Cuidar de um berçário de plantas requer funcionários, água perene, gente disponível, cuidado constante. Festejar a alegria do verde, requer ir meio na contramão da urbanidade. Pois é, o projeto de berço para plantas comerciais não foi adiante, porque os dias sem poda, sem replantio geraram novas demandas, e o verde foi crescendo naquele lugar que um dia foi horta convencional e um canto grande, mais de 20% do terreno cheio de entulhos. Podemos chamar de glebas com os restos que a cidade não quis mais, sendo eufemística. Porque as pessoas na cidade, muitas vezes escolhem um lugar para jogar o que não querem mais. Mas não devia. Se tem caçamba, é caçamba, se não tem, é o terreno ali mais próximo. Triste isto. Triste, mas pra gente foi alegria. Somos mais fortes que a adversidade.

No que hoje é o Hortão, foram tantas coisas, até animais já jogaram lá. Animais quase mortos e animais mortos. O projeto de cuidar de verdejar em plantas é sempre mais do que pode parecer. É uma proposta de mudança de dentro pra fora, de busca de evolução do físico, na matéria se conectando com alma da situação. Chamo de alma aquele momento em que conseguimos ver o não óbvio. Esperança é o que aprendemos na lida com o estrume. Ver o dejetos virar vida, ser terra, é reconfortante. Acorda a fé na existência. Ainda mais em uma megalópole como São Paulo!

¹Registrado no CCTC, IE-04/2015.

²Paisagista.

³Cosmoanalista.

2 - COMO CHEGAMOS?

Andando de bicicleta, depois de um acidente de automóvel sem vítimas, André Caretta passeia à procura de um local para fazer o nosso próprio viveiro. Com o automóvel no mecânico, tínhamos que criar o plano B. As coisas nunca mais seriam as mesmas. Acho importante salientar que das adversidades nascem as oportunidades.

No bairro da Casa Verde, encontramos um pequeno grupo de agricultores urbanos, aquela cultura convencional mesmo. Achamos o espaço, pedimos o comodato do terreno e começamos a tarefa mais difícil: limpar, plantar e organizar.

Se, por um lado, existia uma cultura anterior de agricultura com agrotóxicos, o que era um desafio, por outro, tinha também, em uma parte do terreno, entulho, porque pouco serviço é bobagem, certo? Se estamos no inferno, vamos dar um abraço no capeta, já diziam algumas avós.

3 - A PEQUENA DIFERENÇA PARA A CIDADE É A GRANDE DIFERENÇA PARA OS INDIVÍDUOS

Encontrado o terreno, os colegas, contato com a vizinhança, colocamos a mão na massa. Começa o plantio, os cálculos de custos, as perdas de plantas, os dias em que não se podia passar na horta para aguar, e os riscos dos berçários de anuros ameaçados. Depois de alguns prejuízos financeiros e muitas alegrias verdejantes por aprender os riscos, a administração da natureza não é manejo simples, até que se aprenda. A academia, a escola, os livros não conseguem transmitir o que só o suor pode produzir: AMOR pelas diversas formas de vida. Um amor sinestésico. Quando se aprende, a gente descobre a prosperidade das coisas simples: água, ar puro, berço de terra saudável - tem gente que chama de cova - mas cova é pra enterrar morto. Berço é pra cuidar dos seres vivos. O lugar de se colocar a semente ou a muda, é o berço. Uma semente é vida. Começa então a prosperidade de ver os tomates, as cenouras, as plantas alimentícias, inclusive as não convencionais, se metendo em meio a nossa nova cultura. Prato rico, livre de agrotóxicos, todos aqueles saberes aprendidos em nossa história, tantos sabores pra experimentar. A vida vai ficando mais bonita. O que era teoria, vira prática, vira produção. Tinha vezes que a terra produzia tanto que tinha um problema novo: quem ia ficar com aquilo?

Considerando que a proposta não era tirar lucro com a venda dos produtos, qualquer lucro financeiro seria insignificante diante de tanta paixão no carregamento de latas, coisas consideradas lixo, tijolos, grades, portas e papéis retirados e utilizados no local. Restos de plásticos começaram a fazer parte de parede, garrafas de vidro viraram substitutos do tijolo, e o Cantinho do Descanso nascia. A vizinhança vem discreta, os amigos chegam devagar. Aos poucos quase tudo começa a ficar coletivo, é de todos.

E como sorte é cultivo, um dia, na internet, conhecemos os Hortelões Urbanos, quando ainda eram algumas dezenas de pessoas, assim discreto, reconhecemos aquela que fez o papel de farol da esperança: a jornalista Claudia Visoni na Horta das Corujas. Tudo começando. Hortão aos dois anos ganhou nome: HORTÃO CASA VERDE. Antes era berçário de plantas, Mais Que Jardim.

Depois de dois anos, a gente já sabia um tanto de coisas, começam as trocas pelos "Hortelões Urbanos", mais amigos e novos amigos chegam Anita Vicher, Thiago Talamonte, Arnaldo Jipeiro, Daniela Cuesta, Clovis Oliveira, Roger Ma-

grão, Teatro Silva, o grupo SOS Resgate de Abelhas Sem Ferrão, Paulo Otton, Luiz e Lara Abbondanza, Eliane Marciano e diversos artistas, muitos profissionais das mais variadas áreas buscam informações conosco. No último ano tivemos o presente especial de receber Carlos Cavicchioli, um jovem agricultor urbano, na prática. Aprendia aqui e ali e coloca a mão pra frutificar. Certamente ao escrever o nome de alguns, vou ferir a ausência de outros, são muitos! Mais de 350 pessoas fazem ou fizeram parte do Hortão. Alguns com presença frequente outros com visitas discretas, para lazer, para aprender, para trocar. Muitos criaram seus próprios sistemas de horta, praticam em outros cantos. Sim, os saberes da cadeira da academia servem a mais que reconhecimento, servem às pessoas, à Mãe Terra. Servem para fazer-nos especiais conosco. Chegam mais e outros. Uns divulgam pela internet, outros vão no batente, no suor. E todas as partes são importantes.

4 - A MUDANÇA QUE QUEREMOS DEPENDE DA GENTE

... e de união e interação entre todos os seres vivos.

Vamos contar que exista algo além do que conhecemos... as pessoas desassossegadas pelo sistema, aquelas que não cabem no "quadrado", que são desobedientes ao modo vigente atual, estão sim, vivendo uma grande crise.

E esta crise, não é com a medicina, com a política ou os bens materiais. É uma crise com a consciência. Tem gente que se esforça para ir além, fazer mais que o esperado.

Já vi muita gente que foi diagnosticada erradamente, seja pelo psicólogo, pela medicina ou por um "colega", porque estava em um meio que não lhe permitia expressão pessoal. Sai do ambiente congestionado e a pessoa ganha outra vida.

Não duvido que os transtornos existam. Claro que não! Claro que eles existem.

E não duvido que a medicina possa aliviar as dores, curar o "não bom" que vai no mundo. Claro que sim! Não duvido que o saber político possa nos tornar pessoas em uma sociedade melhor.

E mais, estamos unidos, enquanto humanidade, em uma doença coletiva: a obediência num meio doente, precisamos nos reformular. Seguimos como gado para o matadouro, com a anestesia de uma alimentação desonesta para o planeta, de um conforto que custa a vida de espécies animais e vegetais e por aí vai... estamos falindo enquanto espécie. Porque nossa ética tornou-se adaptada aos interesses de pequenos grupos. Mas podemos cooptar estes "pequenos enormes grupos" se permitirmos o amor atuar. Não a cultura romântica, mas sim a cultura dos sabores e saberes da vida. Temos que nos abrir em tabelas diferentes, aquelas que falam com o coração.

Vamos pensar diferente? Vamos abrir espaço para o amar mais simples? Plantar e comer são atos de divindade (muito mais o de plantar, claro), tomam o ser humano um ser divino por poder conquistar a autonomia.

Porque mesmo que eu ou você não acreditemos nisso, no mundo do pensamento bom e da boa vontade, você e eu, não podemos negar. Certo?

5 - AS ATIVIDADES SOCIAIS

Bazares pelos animais e festas das estações e apresentações artísticas do Hortão são algumas das ações que surgiram quase que espontaneamente. Por

necessidade do grupo.

A permacultura é uma luta constante nas pequenas e nas grandes ações. Do artista que procura o público, ao público que tem sede do artista. Da terra que quer oferecer tudo, e da semente que se entrega pra traduzir os segredos da floresta.

6 - ALGUMAS MÁGICAS

Quando você vê em um espaço de 1 m² nascerem feijões, framboesas, limão e cenoura, isto gera um sentimento de Poder, *Lato Sensu* da palavra. Poder é coisa de quem pode. Isso gera liberdade, harmonia, sensação de utilidade. Não dá para fazer uma avaliação financeira do que significa resgatar ser humano.

7 - BROTANDO ÁGUA

A maior das mágicas? Ver o poço se resgatar após as chuvas cada dia mais e mais forte. Lá, na Nascente Carandaí, descobrimos peixinhos, descobrimos libélulas, mas descobrimos muito mais, segurança para plantar com confiança no advir. Água, todos sabem, é vida.

Em pequenos espaços comida pra todos, inclusive os não humanos.

Quando abóboras, milho, mostardas, flores e carurus podem conviver, porque tudo é alimento, a sensação que dá é de que temos um supermercado de opções para fazer a vida prosperar. Podemos fazer um livro, mais: uma biblioteca! Só com os elementos de empoderamento que a agrofloresta pode proporcionar. A horta na cidade é resgatar nossa sabedoria ancestral mais preciosa, aceitando a urbanidade como ponto de origem e partida, como fator de um novo território, afinal este é sempre um novo ambiente.

Existe um movimento popular de insatisfação, existe um movimento popular de desejo por mudança. E são estas as fontes de inspiração para que sejamos criaturas melhores neste planeta azul. Fazer o desafio virar oportunidade. Como um bom médico que não julga o doente, apenas o apóia e o ajuda a sair de sua inércia, que chamamos de doença. Que não é nada mais que a tentativa do corpo dizer que não está satisfeito com o modo como agimos.

8 - O QUE CONSEGUIMOS?

- * Resgate das nascentes, são duas.
- * Animais protegidos, ainda não temos um inventário, mas faz parte dos próximos projetos.
- * Comedouro para diversos animais que em sua coleta deixam suas sementes.
- * Aprender a lidar com o diferente e ao ver a espinafre crescer junto com a hortelã e o picão saber da oportunidade para um suco riquíssimo e gostoso, basta colocar um toque de frutas ou melado.
- * Compartilhamento em diversos níveis; saber, objetos ganhando uso, pessoas ganhando integridade física e emocional. Sim, resgatar um pedacinho de cidade é mais restaurador que ganhar na loteria, mas só agora a gente sabe disso.

9 - RECONHECIMENTO DA POPULAÇÃO

A vizinhança participando, ainda que discretamente do processo, de ver o crescimento vegetal como um resgate do humano, muito além da alimentação.

10 - MOMENTO ESPECIAL

Recebemos a visita do Movimento Urbano De Agroecologia (MUDA) e, através dele, a de um representante do Greenpeace, o fotógrafo e ambientalista inglês Peter Canton. Foi como um bálsamo a nos sinalizar que estamos fazendo a coisa certa. Porque como todo bom brasileiro, temos assim uma queda, complexo de adoráveis vira-latas, precisamos da aprovação do que vem de longe. Somos uma mistura de gente, multicultural, o estrangeiro é uma ponta no *iceberg* da beleza a nos contar que estamos no caminho, ele é nossa plateia. O nativo é a força que precisamos para fazer a vida ser mais vitoriosa. Como PANCs - plantas comestíveis não convencionais que, em sua maioria, curam, cuidam, abençoam, nutrem, perfumam, encantam, embelezam e medicam.

Fazer a Mãe Natureza ser nossa aliada é nosso mais difícil, árduo, edificante e encantador desafio. Isso tem preço? Existem coisas que dinheiro algum pode pagar no mundo, só gerar a sensação de conforto de saber ter feito o que era necessário para um mundo quase perfeito.

Recebido em 29/01/2015. Liberado para publicação em 23/03/2015.